

O RACISMO NA HISTÓRIA DO BRASIL

As ideologias de desigualdades
raciais na formação da
sociedade brasileira

FAUSTO BRITO

PACO  EDITORIAL

SUMÁRIO

PREFÁCIO. O RACISMO NA HISTÓRIA DO BRASIL	11
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I. O CONTEXTO HISTÓRICO DA EMERGÊNCIA DAS IDEOLOGIAS DE DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL	29
As populações escrava e livre no século XIX	29
O controle social sobre os libertos e os homens de cor	43
CAPÍTULO II. A IDEOLOGIA RACIAL NO SÉCULO XIX NO BRASIL	53
A ideologia racial na tradição portuguesa	53
O darwinismo social	59
O conde Gobineau: ideologia racial a serviço do Império	67
“A ciência sou eu”	75
Abolicionismo e ideologia racial	80
CAPÍTULO III. OS IMIGRANTES EUROPEUS E A POLÍTICA DE BRANQUEAMENTO DA POPULAÇÃO	87
A imigração subsidiada de mão de obra branca e industriosa para o café	94
O Censo de 1920: ideologia racial e o desejo de branqueamento da população	106
CAPÍTULO IV. IDEOLOGIAS RACIAIS E A EUGENIA NO BRASIL	113
A eugenia no Brasil	113
Monteiro Lobato e a eugenia	116
O Congresso Brasileiro de Eugenia	129

CAPÍTULO V. IDEOLOGIAS RACIAIS, A NACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO E O CONTROLE SOBRE AS IMIGRAÇÕES INTERNACIONAIS NO PRIMEIRO GOVERNO VARGAS (1930-1945)	137
Governo Vargas: trabalho e imigração internacional	137
A Assembleia Nacional Constituinte e as imigrações internacionais	141
Imigração internacional, política de cotas e distribuição regional	146
As circulares secretas e o antisemitismo	150
CAPÍTULO VI. GILBERTO FREYRE E A IDEOLOGIA DA DEMOCRACIA RACIAL	159
Introdução ao pensamento de Gilberto Freyre	160
Preliminares a <i>Casa-grande & senzala</i>	168
CAPÍTULO VII. A CRÍTICA À IDEOLOGIA DA DEMOCRACIA RACIAL	187
Críticas ao pensamento de Gilberto Freyre	188
Florestan Fernandes: a academia diante da questão racial	197
A crítica à ideologia da democracia racial	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS	227

PREFÁCIO

O RACISMO NA HISTÓRIA DO BRASIL

O debate sobre o papel da questão racial na formação da sociedade brasileira tem ocupado a cada dia um lugar mais importante na pauta dos debates nacionais. Isso tem se refletido num número crescente de publicações que abordam temas e momentos variados de nossa história nos quais a questão emergiu com força na arena pública. O livro de Fausto Brito visita com olhar acurado momentos centrais desse percurso lançando luz sobre aspectos descuidados por muitos estudiosos atuais e do passado. Se compararmos o curso do livro com o trajeto de uma viagem, podemos dizer que o autor nos brinda com uma caminhada que explora os desvãos de uma história muitas vezes desconhecida até mesmo pelos que se interessam por ela. Num sobrevoo do passado brasileiro é possível identificar os pilares do que se convencionou chamar de racismo estrutural. Mas é só com o caminhar atento aos detalhes e às veredas conceituais que podemos descobrir a extensão das raízes de nossos preconceitos e ideologias. É nessa viagem cuidadosa e rica que o livro nos convida a embarcar.

Como todo viajante precavido, o autor traz na bagagem um conjunto de referências que lhe permite traçar uma radiografia econômica, demográfica e política do Brasil imperial e republicano. Com ele aprendemos, por exemplo, que devido à alta mortalidade da população escrava, no momento da abolição, ela já era minoritária em muitas províncias, quando se tratava de aferir a composição da mão de obra no campo. No Vale do Paraíba, em São Paulo, 75,81% da população ativa nas lavouras de café era constituída por trabalhadores livres. Servindo-se de dados como esses, Fausto Brito mostra que o terreno que irá percorrer precisa ser balizado com cuidado para que se possa conhecer seus vários aspectos, sobretudo no tocante às ideologias raciais que tanto impactaram nossa formação.

Identificados os pontos principais do caminho a ser percorrido, o leitor é convidado a uma viagem cuja meta é a descoberta das

etapas da implantação das ideologias raciais entre nós. A matriz dessas ideologias é portuguesa, mostra o autor, mas ao longo do século XIX ela se fortaleceu com a combinação de ideias que circulavam na Europa. Nesse particular, o pensamento de Gobineau teve um papel fundamental. Autor de uma teoria segundo a qual existiam apenas três raças, a branca, a negra e a amarela, ele ajudou a consolidar a ideia de que a superioridade dos brancos era inegável. De acordo com ele, no entanto, a maioria dos países era povoada por populações miscigenadas, que se enfraqueciam à medida que o tempo passava, pois supostamente se distanciavam das matrizes raciais mais fortes. Ao tomar conhecimento dessas afirmações, Alexis de Tocqueville (1977), cujo livro *A democracia na América* é um dos pilares da teoria democrática da modernidade, rompeu com seu antigo protegido quando compreendeu as consequências de suas formulações. De maneira premonitória, o pensador francês viu que essa maneira de abordar o processo de constituição das sociedades modernas negava o princípio da igualdade de condições que deveria estar na raiz das democracias modernas.

Fausto Brito demonstra que Tocqueville tinha toda razão. Autores como Gobineau, Gustave Le Bon, Edward Burnett Tylor, Hebert Spencer e tantos outros não apenas eram lidos pelas elites brasileiras, eles eram incorporados à mentalidade nacional, penetravam nos poros da sociedade, acoplavam-se a antigos preconceitos, para gestar os discursos de justificação das práticas racistas e de exclusão e violência que prevaleceram ao longo do tempo contra a população escravizada, contra os índios, os mestiços, os asiáticos e também contra os judeus. Esses discursos estavam longe de ser anódinos. Eles serviram de fundamento, por exemplo, para os programas de ensino de faculdades de direito como a de Recife e para instituições como o Museu Nacional. À frente do Museu, Batista Lacerda foi uma ponta de lança para a ideia da existência de hierarquia entre as raças que desde o século XIX vinha ganhando terreno entre escritores europeus.

Compreender a história das ideologias raciais no Brasil implica, portanto, segundo nosso autor, investigar os detalhes da transmis-

são de ideias que, tendo nascido num contexto diferente do nosso, se aclimataram de maneira orgânica à maneira como as elites brasileiras compreendiam a si mesmas e o país. Por isso é tão importante recuperar o núcleo das doutrinas do darwinismo social, para tornar inteligíveis palavras como as do crítico literário Sílvio Romero, que acreditava que toda literatura é o resultado da combinação entre a raça, o meio e as correntes estrangeiras, que influenciam na sensibilidade do povo e acabam gestando as obras literárias. Sem ceder a simplificações em sua exploração do ideário racial, Fausto Brito segue seu caminho embrenhando-se por picadas pouco visitadas.

Este livro não é, no entanto, um escrito tradicional de história das ideias. Ao lado do exame do surgimento das ideologias, o autor nos coloca em contato com dados demográficos e econômicos, que muitas vezes desconhecemos, e que são fundamentais para a plena compreensão da dinâmica de opressão das elites brasileiras sobre as parcelas mais frágeis da população ao longo de nossa história desde o período colonial. De forma lapidar, afirma nosso autor: “Essas teorias não tinham uma dimensão exclusivamente acadêmica, inspiravam, também, os movimentos sociais com interesses em usá-las como fundamento normativo para os seus objetivos políticos, ou seja, tinham uma dimensão ideológica.” Alheio a polêmicas estereis, nosso autor mostra a maneira como essas ideologias penetraram nos mais prestigiados locais da intelectualidade brasileira contribuindo para dar-lhes um verniz acadêmico e literário. Essas características estão presentes, por exemplo, de forma inequívoca nas conferências do médico Renato Kehl e nos escritos de Monteiro Lobato. Suas posições ajudam a entender a sobrevivência dos preconceitos raciais, mas também o descaso histórico com a educação, fruto do enraizamento na sociedade brasileira da ideia de que a genética tem mais importância para o desenvolvimento do país do que a igualdade de condições e a expansão do ensino a todas as camadas da população.

O livro não se limita a contar a história das teorias raciais entre nós. Em seu caminhar, o autor mostra a atuação de cientistas como Roquette-Pinto, que, embora presentes no Congresso Brasileiro de

Eugenia em 1929, souberam por vezes se opor às ideias raciais dominantes. O antropólogo mostrou que o estado frágil de parcelas importantes da população preta e mestiça nada tinha a ver com o conceito de raça. Sua origem estava nas péssimas condições de vida das pessoas que não tinham acesso aos cuidados mais elementares com a saúde e nem possibilidade de se educar. O problema, podemos dizer, era de natureza social e política e não de hereditariedade, como queriam os médicos e cientistas eugenistas presentes no encontro.

À medida que a viagem avança no tempo vai ficando cada vez mais claro que o relevo do terreno no qual se implantou o racismo no Brasil é não só acidentado, mas cheio de atalhos. A cultura ibérica forneceu a base, mas as crenças raciais se fortaleceram e se enraizaram no solo em contato com as ideias europeias, com as tradições religiosas e a realidade econômica de um país dependente de exportações agrícolas. Para demonstrar suas hipóteses, Fausto Brito faz uma análise instigante do período Vargas e dos intelectuais que aderiram ao regime. Para pensadores conservadores do período como Azevedo Amaral, o passado colonial e suas mazelas devia ser esquecido para deixar de pesar sobre os destinos do país. Não lhe ocorria que os problemas brasileiros de todas as ordens não podiam ser enfrentados sem um acerto de contas com nosso passado escravagista. Quanto ao governo de Vargas, ao colocar o acento nas questões referentes ao mundo do trabalho, afirmando a prioridade da mão de obra nacional e a necessidade de se enfrentar o problema dos imigrantes, deixou de tratar da questão racial, ao mesmo tempo que fez vista grossa à multiplicação dos casos de racismo e de preconceito. Por meio de uma série de leis e decretos promulgados durante os anos de poder do ditador, os imigrantes, sobretudo os negros, asiáticos ou judeus, foram alvo de medidas restritivas quanto ao seu ingresso no território nacional e tratados como bandidos e degenerados. Como resume Fausto Brito: “importantes personalidades do governo Vargas tinham não só forte influência das teorias eugênicas em voga na Europa e nos Estados Unidos, como também compartilhavam a dimensão antissemita contida em muitas delas.”

Esses anos serviram para acentuar a força dos preconceitos e a maneira como eram enfrentados.

A viagem de Fausto Brito não é pontuada apenas por defensores das teorias raciais e seus seguidores. Em páginas inspiradas, o autor mostra que autores como Gilberto Freyre, que no começo da vida esteve sob o impacto das teorias raciais que circulavam pelo Brasil, souberam forjar um percurso de grande força criativa e literária, (mas nem sempre científica), no qual a complexidade da questão racial com todas as suas facetas se desvela ao leitor que o segue por suas páginas poéticas. O escritor não ofereceu uma teoria coerente sobre o racismo brasileiro, mas contribuiu para colocá-lo em evidência e para retirá-lo das garras teóricas dos que em seu tempo insistiam em negá-lo ou diminuir-lhe a importância para a compreensão da formação do Brasil. No mesmo diapasão, mas com grande força crítica, autores como Florestan Fernandes trouxeram o tema para a academia, libertando-o das garras dos escritores que nas primeiras décadas do século XX haviam escondido a vergonha e o crime da escravidão e dos preconceitos raciais sob o manto enganoso de teorias importadas da Europa que circulavam com desenvoltura nos círculos culturais e políticos.

Ao final da viagem proposta pelo livro de Fausto Brito, o leitor tem a certeza de que fez uma excursão minuciosa por um terreno que muitas vezes havia sido apenas entrevisto em sobrevoos. Seguindo um caminho cheio de obstáculos, terminamos não apenas sabendo mais sobre a questão racial pedregosa, mas também tocados por uma aventura conceitual que nos ensina muito sobre nós mesmos e sobre nosso país. Este é um livro fundamental para todos os que se preocupam em compreender os tempos atuais e as raízes de nossa formação histórica.

Newton Bignotto